A história oral: um procedimento crítico de transcrição

Zairo Carlos da Silva Pinheiro

Prof. Dep. História do Campus de Rolim de Moura – UNIR.
Doutorando em Geografia pela UFPR.

Resenha do livro: CALDAS, Alberto Lins. *Nas águas do texto: palavras, experiência e leitura em história oral* Porto Velho: Ed. Edufro, 2001.

O livro que temos a honra de resenhar intitulado *Nas águas do texto: palavras, experiência e leitura em história oral*, de Alberto Lins Caldas são desses acontecimentos raros, que dependendo do lugar ou da vegetação jamais teriam condições de nascer; e não temos dúvida de que o solo sob o qual nasceu essa obra não tinha as condições apropriadas para que a mesma pudesse ter sido gerada sem algumas dificuldades que apresentaremos no decorrer deste trabalho. O autor faz uma abordagem crítica ao processo tanto de produção do conhecimento em História Oral (HO) quanto de uma superação desses impasses visando uma *poética da interpretação hermenêutica*, território em construção, realizado através de uma luta teórica e prática.

A proposta de história oral do autor é apresentada como um des-velar da obra de José Carlos Bom Meihy (1990, 1991, 1996a, 1996b), naquilo que ela tem de mais revolucionário na “conquista do presente”, na percepção das diferenças entre “ficção e realidade”; entre o “depoimento” e a “experiência”; entre “documento” e “texto”; e principalmente entre a “reprodução” e a “transcrição”. Este conceito torna-se a contribuição mais importante do livro para essa maneira hermenêutica de fazer HO.

Esta obra destina-se portanto, a pesquisadores interessados em utilizar a proposta inovadora na HO, assim como a outros profissionais e estudantes que se propõem à a realização desse tipo de pesquisa.

O livro é apresentado em 8 capítulos, os quais são tematizados em “Abertura”, “Texto, autoria e fragmentação”, “História e virtualidade”, “Transcrição”, “Texto base: Chico Paula”, “Pré-leitura”, “Leitura” e “Pós-escrito” todos articulados como cápsula de energia com o capítulo “transcrição”, fazendo como que os outros capítulos ganhem sustentação e se articulem com a metodologia proposta. Por questão de espaço, não faremos um detalhamento

de todos os capítulos; optando apenas pelos temas fundamentais e que, em nossa opinião, são os que fazem a grande diferença e dão ao método da HO a mudança metodológica para o salto em sentido novo e revolucionário.

Esse livro que por hora resenhamos encontrou vários empecilhos à disseminação de sua proposta em uma universidade, *locus* de seu nascimento. As dificuldades de aceitação do pensamento do autor, frente ao que se fazia até aquele momento, grosso modo, foram devido à linguagem crítica do livro e sua postura inovadora aos tradicionais modelos de pesquisa em HO.

A primeira dificuldade foi a *falta de leitores apropriados para esta obra*, pois após 10 anos de seu lançamento ainda não gerou frutos. Qual seria o primeiro fruto desta obra? Bastaria a leitura do primeiro capítulo intitulado “Abertura”. Aqui, a *physis* é poetizada, livre do peso da cientificidade da História acadêmica, que é sempre presa ao factual, como se este não fosse uma “escolha”, tanto do historiador quanto de seu tempo histórico com alguma pretensão de poder. O grande eixo e luta dessa “abertura” é dizer que a memória não é um “arquivo de ferro, ordenamento de acontecimentos, de fatos, de palavras, de gente e coisas” contrapondo-se ao que é preconizado ainda hoje na maioria da produção científica em HO que se molda ao método tradicional da busca pelo “resgate”, “herança”, “passado fossilizado”, “tradição”, entre outros. Postura que já fora há tempo criticado por Ivan Illich (1997), quando disse, se referindo à memória, que a mesma, “em uma cultura oral, não pode ser concebida como armazenamento ou tabuinha de cera”, como querendo dizer que a maneira como a cultura escrita clerical, a nossa e de nosso sistema educacional no geral, é uma educação que deve ser criticada. Porém, essa ideia de Illich como a do Caldas também não deram ainda a devida atenção.

Pela “abertura” a HO ganha outro sentido, ela passa a ser compreendida como um recriar do presente, um refazer tanto da memória quanto da História; esta é recriada por aquela que deixa de ser coisa do “passado”, da “memória”, de algo que não possa ser modificado e visto por outro prisma, realizado por diálogo.

A segunda dificuldade ao livro foi que ele apresentava *coragem de mudança para além de uma HO presa ao fazer histórico acadêmico e fossilizado no passado*, o autor propõe uma HO do presente, e uma crítica radical ao modelo vigente de uma História do passado. Um dos juízos de valores a esse livro foi “isso não é ciência é pura literatura!”. Como corolário o livro e seu modelo crítico não foram tomados como referência à pesquisa e não encontrou seguidores, o que lamentavelmente impossibilitou o avanço no método empregado em HO.

A obra confronta dois instrumentos de pesquisa em HO com o intuito de gerar o terceiro tipo hermenêutico. O primeiro privilegia a *pergunta-resposta* como transcrição, onde o oralista não se mostra presente no momento da narrativa, mas sua presença é dominante e exclusivista. No segundo, a narrativa do entrevistado (colaborador) é apenas comentado pelo oralista e nunca informado ao leitor, limitando-se o oralista à sua própria teorização, utilizando-se para isso, *recortes das entrevistas* para único e exclusivo interesse de seu discurso. O terceiro tipo é a proposta radical da HO do Caldas: o cuidado desde a entrevista até ao texto (narrativa) final, o qual é resultado de um diálogo, de uma aura de poetização que visa no final do texto produzido em diálogo, outras possibilidades de leituras ainda possíveis, simplesmente porque a HO deste tipo é uma HO que privilegia a Oralidade e não o termo História propriamente dito.

A História enquanto conhecimento é duramente criticada pelo autor, pois a mesma se esquece de sua virtualidade (construída) como tudo na vida; mas como criticada se Caldas é Historiador? Ora, a capacidade da auto-crítica é uma das características desejáveis em um pesquisador. Essa crítica é evidente no capítulo “História e Virtualidade”, onde a História perde seu *status* de produtora da “verdade”, ou “depósito do passado”. Segundo Caldas, a História e a Mídia moderna fazem parte do mesmo processo de alienação do encontro entre o homem e as coisas: somente a ciência (Histórica) pode dizer ou falar “sobre” a vida, pois ela detêm, segundo ela mesma, o método apropriado para isso. Ninguém mais possuiria esse senso de verdade. Compreender a HO como Caldas a entende, é entender a História como virtualidade. Dizer isso não é negar a História, mas é colocá-la sobre trilhos mais estreitos e dizer que a vida é maior que o ensinamento da História oficial.

Ao criticar a noção de *fragmentação* para se colocar o “outro” no lugar de destaque desse tipo de HO, Caldas foi incompreendido pela comunidade acadêmica naquele momento. No capítulo “Texto, autoria e fragmentação” o autor apresenta o colaborador (não mais depoente), assim como o oralista, ao final do trabalho em *texto integral*, vivo, plasmado, sem fragmentação, afirmando ser esse, o método mais humano de se fazer HO. Esse pensamento foi defendido, no Brasil por Ecléa Bosí (1994), em seu livro *Memória e sociedade*, já indicando o caminho, mas encontrando pouquíssimos seguidores nas pesquisas atuais.

No capítulo “Texto base”, Caldas apresenta, à maneira de Ecléa Bosí, o exemplo de como é elaborado, em diálogo e no processo de *transcrição*, o texto referente. O personagem real é Francisco Paula, “Chico Paula”, pescador e ex-seringueiro. Ali, na leitura da fala de Chico, o leitor fica frente a frente com um verdadeiro narrador, comprovando que o narrador não morreria como previu Walter Benjamin (1994a, 1994b, 1997). Sente-se a *aura* pela qual

perpassa a ficcionalidade e o poder da fala desse narrador nato. Reportamo-nos, pela narrativa de Chico Paula, para o meio da floresta, e não é somente uma mata amorfa, mas sobrecarregada de monstros e a qual é preciso tomar cuidados, pois está repleta de perigos. Chico Paula, se encontrava perdido no meio dessa mata, e em sua fala, sentimos essa atmosfera recriada, pois o objetivo da *transcrição* é deixar o narrador falar livremente (sem ficar presos a pergunta-resposta pré-estabelecida, pois o interesse desse tipo de HO, é voltar-se não mais para a “tese” ou para o “tema” do oralista, mas para o interesse do narrador, conduzido em diálogo), pois ao falar e interpretar à sua maneira, sua vida ou sua “estória” é dizer para si mesmo: “alguém me escuta e me compreende como eu gostaria que fosse”.

Entretanto, a grande contribuição do livro do Caldas se encontra no capítulo “Transcrição”, seu limite máximo de abertura para um tipo de HO que prime pelo diálogo e não pelo monólogo. O conceito denominado de *Transcrição*, iniciado por Haroldo de Campos, estava ligado ao sentido de “tradução”, ficando apenas nisso. Já para José Carlos Sebe Bom Meihy e Caldas, transcrição toma outro sentido, qual seja, o de entender memória, fala, transcrição, textualização e interpretação como ficcionalidades, e não mais como naturezas ou conceitos rígidos. Por exemplo, nos outros dois tipos de se fazer HO o texto final é tido como “reflexos” (referência ou cópia do real); no tipo que compartilhamos, o texto final é nosso *referente*, pois se entende que o texto se afirma como “original autônomo” e completos de sentidos, para serem desdobrados e interpretados: o colaborador deve falar livremente sobre sua vida, e interpretar o que ele mesmo fala.

A transcrição é, ainda em Meihy, uma “fase final do trabalho do discurso”, “uma teatralização”, um “recriar da atmosfera da entrevista”; porém, em Caldas que bebe nesse método de Meihy, o método se amplia para algo como um “*transcriar hermenêutico*”, se entendendo com isso, que todo o trajeto desde o projeto de pesquisa até sua fase final, quando o texto do colaborador está pronto para a publicação, é um processo de transcrição. Eis a grande contribuição do livro do Caldas: entender cada passo do oralista, não como algo naturalizado ou “verdadeiro”, ou como um “resgate da história”, mas uma recriação da aura do grande processo ficcional de transcrição.

Podemos compreender a obra de Caldas como uma tentativa, um “grito”, que nos alerta sobre o potencial que a HO tem no campo do conhecimento tão cheio de cientificismo e desamor frente à vida humana no geral. Esse tipo de HO, na qual Caldas nos apresenta, não é a única e nem a verdadeira HO. É no mínimo a que nos mostra outros caminhos, onde sua única preocupação não é a academia, mas o homem, o único que precisa ser compreendido

para se libertar verdadeiramente das malhas de um tempo que, se o enxerga, é tão-somente como pretexto, ou como “objeto” de pesquisa.

Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, Vol. I, 1994a.
- _____. **Obras escolhidas: rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, V. II, 1997.
- _____. **Obras escolhidas: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 3ª ed., São Paulo: Brasiliense, V. III, 1994b
- HAVELOCK, Eric. A equação oralidade-cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, David R.; TORRENCE, Nancy. (Org.). **Cultura escrita e oralidade**. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1997. p. 17-34.
- ILLICH, Ivan. Um apelo à pesquisa em cultura escrita leiga. In: OLSON, David R.; TORRENCE, Nancy. (Org.). **Cultura escrita e oralidade**. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1997. p. 35-54.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A colônia brasilianista: história oral de vida**. São Paulo: Nova Stella, 1990.
- _____. **Canto de morte kaiowá: história oral de vida**. São Paulo: Loyola, 1991.
- _____. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996a.
- _____. (org.) **(RE) introduzindo história oral no brasil**. São Paulo: Xamã, 1996b.